



Uma das peças onde se lê o que pode ser o antigo nome de Moura

Sabia que Moura, há quase 1500 anos, se chamava Lacant?

Arqueologia
Carlos Dias

À medida que os arqueólogos avançam com novos dados sobre antigos povoados, surgem novidades sobre os nomes

Tal como Beja, que no século XXI continua à procura do seu nome de origem no período pré-romano, a cidade de Moura busca a sua identidade toponímica no período romano, após ter identificado com alguma segurança que na Alta Idade Média se chamava Lacant.

A confirmação surge após a descoberta recente de dois fragmentos de cerâmica, em diferentes locais da cidade de Moura, vestígios que vieram lançar novas pistas sobre o nome que a localidade teria há aproximadamente 1500 anos. Estas peças, datadas do século VII, juntam-se a outras duas encontradas nas proximidades do castelo nos inícios da década de 90 do século passado, tendo, todas elas, um traço comum: registam a inscrição *Ecclesiae Sanctae Mariae Lacantensis in Aggripi*. Ou seja, algures em tempos remotos, as placas davam conta da existência de uma igreja consagrada a Santa Maria numa localidade denominada Lacant ou Lacalta, que os investigadores interpretam como sendo o antigo topónimo de Moura.

A continuidade de ocupação do sítio (Moura) entre os séculos V e VIII “é confirmada pela presença de fragmentos arquitectónicos” na zona urbana da cidade que “terão pertencido a um edifício religioso”, explicou ao PÚBLICO o arqueólogo Santiago Macias. Este investigador é autor, juntamente com José Gonçalo Valente e Vanessa Gaspar, do estudo “Lacant e Laqant: da toponímia an-

tiga à islamização”, inserido na monografia *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão*. Nele salientam que a concentração de peças num só sítio “permite supor” que o nome de Moura seria Lacant, mas não dispõem de “dados suficientes” para afirmar se esta designação se terá estendido à época romana.

Mais certezas existem quanto ao nome de Moura na época islâmica. “A Lacant do século VII corresponde à Laqant dos textos islâmicos”, salienta Santiago Macias, actualmente presidente da Câmara de Moura, acrescentando que a mutação do nome “terá ocorrido no século X ou no XI, mas a sua cronologia não ultrapassa o período califal”. E destaca a explicação dada, neste sentido, pela epigrafista Manuela Alves Dias quanto à evolução do nome de Lacant para Laqant, assente no facto de “o C não existir” no alfabeto árabe.

Só a partir do século XI é que o nome da comunidade na margem esquerda do Guadiana encontra maior semelhança toponímica (Maura) com o nome que hoje ostenta.

Os investigadores explicam, no estudo, que os topónimos pré-romanos foram, primeiro, latinizados. Mais tarde, a língua latina foi substituída pela árabe e, no período da Reconquista, os nomes foram novamente modificados, “tornando irreconhecíveis os topónimos a partir dos dados hoje disponíveis”.

Com frequência, a cristianização do território, acentuada pelo culto mariano e pela renovação da hagiografia, (ciência que se relaciona com as coisas sagradas), “torna impossível o estabelecimento de relações entre os nomes antigos e os actuais”, referem os autores. Nem sempre a mudança é linear, e os nomes evoluem de forma, aparentemente, caprichosa. Um outro exemplo? Primeiro foi Ocsnoba, depois Santa Maria do Ghar e, finalmente... Faro.